

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTORES E PROPRIETARIOS: --LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

PUBLICA SE A'S QUARTAS E SABADOS

Redacção, administração, composição e impressão

TIPOGRAFIA DEMOCRATICA, Rua 1.º de Dezembro — Faro

Endereço telegrafico

HERALDO — FARO

ASSINATURAS: --Trimestre 500 réis

COMUNICADOS E ANÚNCIOS

Cada linha 20 réis

(Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial)

Publicam-se todas as informações de interesse geral.
Não se restituem os originaes.

UM ESTADISTA

Entre os mais prestigiosos caudilhos da Republica avulta a figura primacial do dr. Afonso Costa, o eminente estadista, autor da lei da Separação do Estado e da Igreja, da lei do registo civil, das leis da familia e de todas as leis verdadeiramente emancipadoras que constituem as bases do rejuvenescimento da Patria Portuguesa.

Admirámos sempre o energico demolidor que, em pleno regimen monarchico arremecava contra o trono enlameado e freiratico dos Braganças o ariete poderosissimo da sua eloquencia tribunicia.

Aplaudimos sempre a sua palavra fluente, a correção dos seus processos politicos e o fundo humanitario e libertador das suas leis, todas elas de larguissimo alcance social, todas genuinamente democraticas, todas largamente reparadoras das injustiças e privilegios que separam ainda hoje por abismos profundissimos as varias classes da sociedade portuguesa.

E' por isso que não hesitamos um instante em vir juntar a nossa voz contra esse vil protesto que de norte a sul alastra pelo paiz e com o qual se tenta subverter o prestigio de um homem que em Portugal encarna a mais alevantada e sublime expressão do ideal democratico!

Inutilmente, porem, o tentam!

No Algarve não será grande a legião dos admiradores do insigne estadista dr. Afonso Costa, todavia, reduzida mas dedicada como é, estamos bem certos de que, profundamente indignada, ela, como um só homem, saberá repeller energicamente os insidiosos boatos com que os inimigos da Patria e da Republica pretendem entenebrecer perante o conceito popular a aureola de prestigio de que tão mefeticamente gosa o dr. Afonso Costa.

Inutil e perfido tramal

Não!

O chefe do Partido Democratico é antes de tudo um bom portuguez, amante da sua Patria até ao sacrificio.

Dificuldades, se á Republica tem apparecido, nunca partiram do grupo Democratico cuja orientação conciliatoria e ordeira na solução de todas as questões politicas é demasiadamente manifesta.

No atual momento historico em que desvairados ambiciosos pretendem a todo o custo deprimir e amesquinhar a incontestavel influencia politica do illustre estadista dr. Afonso Costa, fazendo-o passar por um espirito obcecado pelo mais feroz sectarismo, vem a proposito recordar estas suas palavras

proferidas o ano passado, n'uma entrevista com um jornalista:

«A porta está aberta a todos os que quizerem entrar, pois de maneira nenhuma somos dotados de um estreito o irreductivel sectarismo.

Mas que cada um dos que vierem para nós venha pelas ideias, porque sinceramente as honre e esteja pronto a defende-las.

Nós queremos a Democratisação da Republica e que ela realize, dentro do possivel, todas as suas promessas.

Uma Republica implantada no seculo XX tem de ser um pouco mais radical do que a que o conservantismo.

E' preciso ir mesmo até dar algumas compensações ás classes trabalhadoras, com um pequeno mas justo sacrificio dos ricos.»

Nobilissimas palavras estas que todos devem registar e que são um valioso e iniludivel testemunho de que, feita a Republica, o dr. Afonso Costa não esqueceu a grande massa dos humildes, que tanto trabalharam para ela!

Lyster Franco.

Situação politica

Acerca da crise ministerial, escreve o nosso colega *A Patria*, de Lisboa:

«O governo pediu a s. ex.ª o sr. Presidente da Republica a sua demissão coletiva.

Não era esta a solução que lhe indicou no Parlamento a votação do Grupo Parlamentar Democratico em nome do Partido Republicano Portuguez.

Os votos dos nossos parlamentares, explicitamente declarados, eram por uma recomposição ministerial, com a saída do sr. ministro do Interior, cuja presença no gabinete se julgava insufficiente para realização da energica politica de defeza republicana que urge iniciar.

Deante dos factos consumados o que urge é encontrar a formula que melhor sirva os interesses da Republica e da Patria na constituição do futuro gabinete. Essa formula não pode ser outra senão a «defeza republicana.»

Fazemos nossas estas nobilissimas palavras do nosso illustrado colega.

CONSPIRADORES

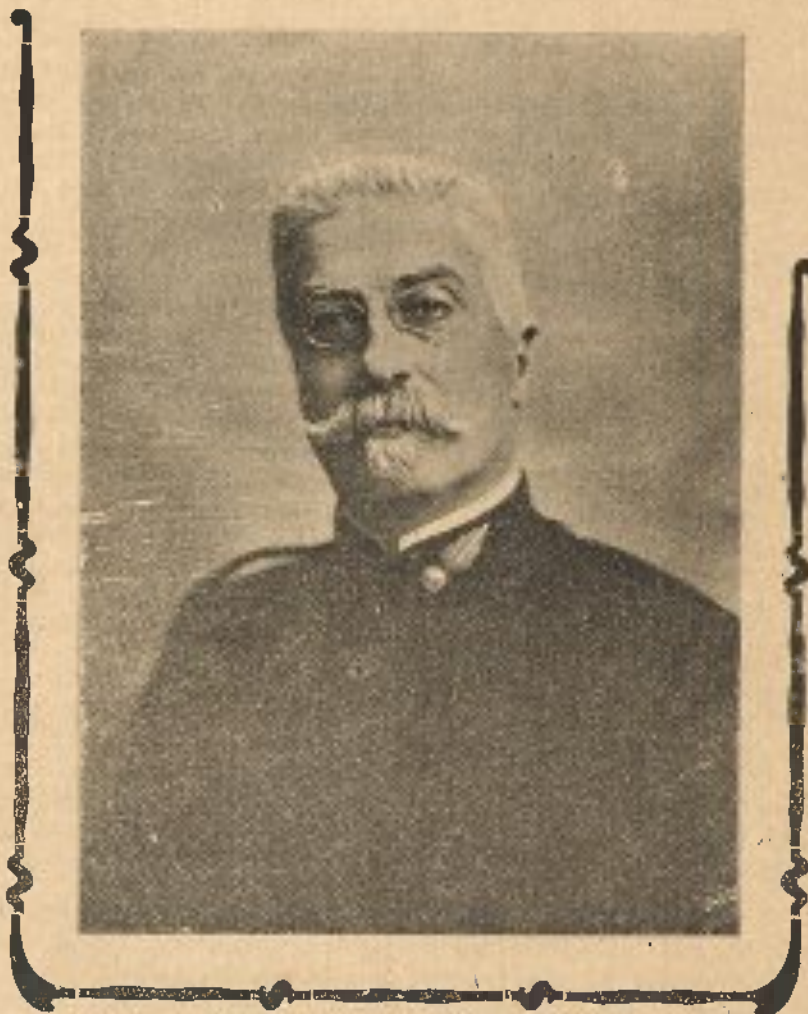
Em virtude das autoridades hespanholas obrigarem os conspiradores a internar-se, o partido da Figueira da Foz para Bragança uma força de artilharia, que não consentirá nenhuma incursão no territorio portuguez.

CANÇONEIRO DO POVO

As telhas do teu telhado,
Como as pedras do teu muro,
E' que podem declarar-te
As vezes que eu te procuro.

Não me passeies á porta,
Nem de noite nem de dia;
Que eu não sou santo nem santa,
A quem façam romaria.

CORONEL BARRETO



Um dos mais importantes vultos do Partido Republicano Portuguez é sem duvida o coronel Antonio Xavier Corrêa Barreto.

Official distintissimo de artilheria, são inumeras as suas sympathias no exercito, que lhe deve a sua democratisação, expressa nas medidas do mais patriótico e humanitario alcance, que promulgou quando geriu proficientemente a pasta da guerra no Governo Provisorio.

Químico de reputação universal, o seu nome está ligado á importantissima descoberta da polvora sem fumo, que, imprimindo uma nova orientação á tática de guerra, grangeou para o seu autor a justissima consagração de sabio, impondo o seu nome ao preito de homenagem de quantos reverenciam os que trabalham.

Republicano dedicadissimo, democrata na verdadeira aceção da palavra, o sr. coronel Corrêa Barreto tem os seus serviços á Republica registados n'uma das mais luminosas paginas da Historia da Revolução de 5 de Outubro, que libertou o Povo portuguez da opressora monarchia dos adeantamentos e latrocinios.

Honrando as suas columnas com o retrato de Corrêa Barreto, *O Herald* presta a mais singela das homenagens ás valiosissimas qualidades de sabio, de reorganizador e de estadista, que exornam o illustre caudillo da Democracia Portuguesa.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

FOGO DE VISTAS

Retalho d'um sermão de Santo Antonio José de Almeida, nas columnas da *Republica*:

«A simplicidade do governo nos lamentaveis successos que vão ocorrendo é para nós patente e irrecusavel.»

Nem admitta que assim seja. Como para a constituição d'este governo o illustre chefe de evolucionismo não meheu prego nem estopa, julgase, por isso, na obrigação allaz pouco simplica de causticar diariamente o ministerio com a sua prosa de laumatuze.

Mas nem tudo são infortunios. Tem os aplausos do *Dia* o já não é pouco!

UM BOM CONSELHO

O missionario José Salvaio Bispo, n'um artigo publicado no *Mundo*, aconselha a que se mandem professores para a India, em vez de padres. Deve ser assim, realmente. Professores em vez de padres, escolas e não igrejas. E' no que a Republica deve pensar.

A SOLUÇÃO

Filosofando acerca da solução da crise politica, com aquella largueza de vistas e imparcialidade que todos lhe admiramos, diz o sr. Machado dos Santos no seu *Intransigente*:

«Se é necessario restabelecer a paz na familia portugueza, e manter a ordem na rua, como pôde

o Grupo Democratico ser poder, ou compatibilizar do poder?

Para o restabelecimento da paz é necessario uma amnistia e o Grupo Democratico não a quer. Para manter a ordem é necessario empregar um pouco de rigor e o Grupo Democratico não pode usar d'ele com decencia, visto esse rigor se ter de aplicar aos que provocam disturbios á sembla do nome do sr. Afonso Costa.»

Depois d'este pequenino jano de amostra, digam lá que o sr. Santos não é amigo do Grupo Democratico!

Aquilo que á falar com sinceridade, imparcialidade, ponderabilidade, racionalidade e... superfluidade!

O VELHO TEMA

Pedacinho de oiro do protesto enviado pelo bispo de Ilaga ao sr. Presidente da Republica:

«Não é só a justica que peço para mim mas tambem para a Santa Igreja, tão vexada e perseguida em Portugal, com o respeito e acatamento devidos a uma sociedade de ordem superior á civil e d'esta creadora de innumeros, inestimaveis beneficios, podendo dizer-se que os seus mais esplenorosos triumphos foram devidos ao sentimento religioso.

Onde se brandiu a espada eigueu-se a Cruz. Elevou-se sobre os palmares da India; abriu os seus braços salvadores nos sertões inhospitos da Africa, e penitrou as florestas virgens do Novo Mundo.»

Nada ha de mais singelo e verdadeiro. Não é que ao humilde prelado liverse esqueci-

do a ennumeração dos laes inestimaveis beneficios que Portugal deve á Santa Igreja.

Será a nunca esquecida e deletéria influencia da Companhia de Jesus, agindo sobre o nosso povo simples e bondoso e fazendo vergar á sua vontade de lenio a maior parte dos *gros botéis* da extinta monarchia?

Será o enorme atroz em que nos encontramos, devido á criminoso rotina impulsada pelos padres e que leva os portuguezes a pedirem a Deus o que a sua pregação lhes não deixa fazer?

Como meio civilizador, a Igreja fez o seu tempo, terminou a sua missão, que nem sempre foi das mais sympathicas. Di-lo a Historia.

Agora se o sr. bispo é do opinião contraria, o que na verdade pouco nos importa, porque entendemos que em materia de religiões cada qual deve comer do que gosta, sempre lhe diremos que devia completar assim o seu penultimo periodo que transcrevemos:

«Onde se brandiu a espada eigueu-se a Cruz e quasi sempre as logeiras da Santa Inquisição.»

Tinha mais sabor historico e... ficava certo!

INGENUIDADE DE SANTO ANTONIO

Divertidissimo, como sempre, Santo Antonio José de Almeida, que não perde a estulta pretensão de considerar o seu evolucionismo como o *neo plus ultra* das ciências perfeitissimas.

Atente-se n'estes dizeres do santo varão:

«Aqueles que se não deixam fascinar pelo brilho do lenjeoulas, nem tão pouco se deixam seduzir pelas affirmações tão ardentes, quanto gratuitas, dos profissionas da oratoria barata, devem estar a estas horas sufficientemente effricados acerca dos reais propositos de um grupo politico, que a todo o transo pretende impor-se ao paiz, não porque nutra a convicção de que o paiz reconhece o reclamo e seu predominante concurso na direção das coisas publicas, mas tão só porque entende que apenas com a passeio ou com o predominio na governação é que ele logrará assegurar-se um presente comodo e um futuro lavoravel.

Já todos perceberam que nos queremos refortar ao Partido Democratico, que tem per chefe o sr. dr. Afonso Costa.»

Oh santa ingenuidade! Oh imecavel candurol! Pois para quem *haverá* de ser a referencia, provado como está que o programa politico do evolucionismo apenas consta de tres artigos qual d'elles o de mais larga influencia nos destinos da Patria:

I—Dizer cobias e lagartos do Partido Democratico.

II—Acusar o dr. Afonso Costa de todas as deficiencias do sr. Antonio José de Almeida.

III—Dar chá e bolos aos conspiradores, já que não foi possivel ao mesmo sr. Antonio José de Almeida dar-lhes a beber do tal chumbo decretado que o illustre chefe do evolucionismo se lembrou de misturar no seu discurso, quando uma vez atendeu ás turbas portuguezas...

Delicioso programa, como se vê! Se não salvar a Patria, salva com certeza as bialas...

Amado á Republica e tendo amistosissimas manifestações amorosas para com os conspiradores, cada vez assenta melhor a Santo Antonio José de Almeida esta mimosa quadra popular:

Coração que a dois ama
E que a dois quer agardar:
Não ando neguando os outros,
Veja com quem quer ficar!

QUADRO NEGRO

Recordamos de *O Dia* esta tirada melodramatica que cheia a água bentu que tresandou:

«Hoje estão os *donos d'isto* mal com os catholicos, indispuestos com os proprietarios, sem a confiança dos agriculiores, dos industrios, dos comerciantes e dos capitalistas, alheados da nação ialetual, que se não leva por teorias vãs mas as experimenta e avalia nos praticos resultados.»

Chama-se o isto falar com cabeça e com patriotismo, o mais é historia.

Quem está bem com toda a gente, e até com a propria conciencia, é *O Dia*, pela maneira ultra cantinosa o alavel que emprega, sempre que fala da Republica, dos partidos republicanos e dos seus caudillos... excepção feita para Santo Antonio José de Almeida e Machado dos Santos, que *O Dia* considera verdadeiros, autenticos e genuinos santinhos democraticos!

Coisas da vida!

Feve, feve, pandinha,
Uma se não forva en por li;
Que quero tirar as sogas
Que ao meu amni prometi.

MEIA DOSE DE... VERDADE

Do *Intransigente*, que ás vezes tambem presta culto áquella celebre deusa, por alucina a *Verdade*, que os antigos julgavam habitar n'um poço mais profundo do que a senta parlapalica de muitos dirigentes da opinião publica:

«Dos tres grupos politicos o mais numeroso, parlamentarmente falando, é sem duvida o Grupo Democratico.»

Está certo.

CONTOS E NOVELAS

PFT! PFT!

Em um tempo e n'um paiz que eu não poderia precisar (porque, na verdade, a este paiz adaptam-se todos os nomes, e este tempo é como todos os tempos) havia uma mulher.

Efetivamente, cada um via essa mulher por um prisma diferente, e todos tinham razão, — porquanto se lhes tornava agradável pelo modo por que a encaravam. De resto, cumpre dizer que ela não se esforçava por ser julgada d'esta ou d'aquella maneira. Contentava-se com ser, na realidade, tudo quanto se julgava, não sabendo afinal dizer o que era.

Alguns sabios insinuavam que, sem duvida, essa mulher não era nada; e outros, mais sabios ainda, acrescentavam que era n'isso precisamente que consistia o seu encanto. Comparavam-na ás nuves, cuja magia depende do sonhador que as contempla, e ás sinfonias do mar, nas quaes se ouve a musica que se canta em nós mesmos.

Seguramente, os sobreditos sabios não eram muito estúpidos nas suas comparações. E contudo, como todos os sabios, não deixavam de ser grandes pataratas. Porque esse nada, como eles desdenhosamente chamavam a essa mulher, era também alguma coisa. E a prova ciusista em que, não se achando habilitados, para se ocupar do tal nada, lhe procuravam a explicação.

Muito mais sabios, talvez, eram os loucos convictos que não procuravam essa explicação, e que, de boa vontade, tomavam a mulher misteriosa pelo que realmente era, ou ao menos, pelo que a julgavam ser, — e que assim viviam por ela e com ela.

Viviam, sim; mas... também morriam! Morriam, depois de terem antecipadamente sofrido essas mil mortes lentas, que se chamam desejo, ilusão, fé falsa, esperança desfeita, amor cego, afeto traído.

Mas porque? Essas mil mortes lentas não constituíam precisamente a vida? E os apaixonados procuravam com avidez e alegria esses sofrimentos, que saboreavam, como se tivessem por divisa estes versos d'um poeta:

«Aceita a minha vida. Ela é-te consagrada!
Neste velino branco escreve o que quizeres:
E rasga, se te apraz, co'a tua mão nevada,
Minha alma e coração, se assim o apeteceires!»

Deve-se entre tanto constatar, em abono da misteriosa mulher, que ela não o fazia sofrer de tal modo, por crueldade. Não era verdadeiramente má. Em muitas ocasiões tinha até accessos de ternura, de bondade compadecida. Lastimava sinceramente aqueles que ia tornar desventurados. Muitas vezes succedia adverti-los com toda a lealdade, dizendo-lhes:

— Bem sabeis que vos não amei.
Ao que geralmente lhe respondiam:

— Que importa! Mas eu adoro-te!
Na verdade, depois d'isto, as pessoas que ela enganava e torturava, com que direito podiam queixar-se? A outros, sem duvida, ela suspirava avelute!

— Amo-te!
Depois, traía-os também; mas então tinha esta desculpa:

— Tinha-me iludido. Julgava amar-te. A culpa não é minha. Oh! como eu sofro por causa do meu erro!

E dizia isto tão gentilmente, e de tão boa fé, que era forçoso, sendo-se juiz imparcial, dar-lhe razão.

De resto, terminava sempre por se rir de tudo, até dos proprios sofrimentos, — e muito mais dos alheios. O fundo da sua filosofia (porque este nada, apesar da opinião dos sabios, tinha filosofia) é que não se devia ligar importância ao que fosse e a quem quer que fosse.

Não tinha uma alma endurecida e possuía coração, porque chorava nas ocasiões, mas apenas voltava costas não pensava já nas suas maguas, levantava os hombros e passava a outros exercicios, fazendo com um leve movimento de labios:

— Pft! Pft!
Por isso, um sabio de má lingua acabara por alucinhá-la a. *Senhora Pft! Pft!*

Tamém, longé de se agastar por isso, até se envaideceu; essa alucinhada pareceu-lhe divertida. Até, re-

netindo n'isto muito à sua vontade (porque este nada reflectia), julgou-a d'um emprego comodo, e soava-lhe originalmente.

D'alí em diante, em vez de procurar desculpas para a sua conduta, em vez de dar explicações áqueles que a interrogavam como esdóge, respondia-lhes simplesmente:

— Pft! Pft!
E então o sabio da má lingua disse consigo mesmo, acariciando a fronte e congratulando-se pelo seu genio inventivo:

— Diabo! Teria eu, sem n'isso pensar, feito uma descoberta?... Teria encontrado a solução do enigma!...

Ele pensou n'isso por tão longo tempo, que se apaixonou perdidamente por aquella singular mulher, cujo misterio imaginava ter penetrado.

A falar a verdade, como era um experiente e um sabio, *id est*, um d'esses orgulhosos que são os mais habéis em se iludir a si mesmos, não quiz confessar que estava apaixonado, e deixou-se embalar na ideia de que simplesmente obedecia a um dever científico.

— Não, repetia ele mentalmente e com complacência; não estou seduzido por essa boneca. Trato d'estudá-la, apenas.

Ora, sem mais nem menos do que o vulgar, poz-se a estudá-la fazendo-lhe a rôte, desejando-a, murmurando por possuí-la; enfim, sob o pretexto de submeter essa alma a cadáver, occupou-se ingenuamente de conseguir deslisar por sua vez até à cavidade d'esse peito, onde tantos tinham já resvalado.

Nem mais nem menos do que tantos outros, o pobre sabio também ali se abismou sem colher resultado algum.

Nem sequer chegou a saber se era amado!

Ela teria podido afirmar-lhe que não, como n'havia feito lealmente a este ou áquele. Mas, com ele, por causa das suas pretensões de adivinho e de maligno, que ostentava, divertia-se um pouco em não ser franca. Quando ele a interrogava, louco de paixão, respondia-lhe sorrindo e distraidamente:

— Pft! Pft!
Como era proprio d'ela, enganou o; mas n'este golpe foi maliciosa e cruel, segundo se cre: deu-lhe como rival um completo imbecil.

Era preciso que o insigne sabio fosse bastante covarde para lhe perdoar, caso ella se permitisse confessar-lhe seus intentos. No caso de necessidade, até teria explicado sabiamente esta depravação de gosto, explicado até a desculpa e a absolução. Não é natural o efeito de contraste a mulher preferir um bruto a um espirito já elite? Para lhe causar prazer, elle teria provado isso magistralmente.

Porém, ella nem sequer esta consolação lhe deixou. Quando elle, clamando, lhe perguntou se devia crer na existencia d'esse rival, e quando propoz piedosamente a peccadora proclamá-la inocente, ella fez uma pirueta, marionando:

— Pft! Pft!
Foi então que elle conheceu todas as raivas do cinze e do desespero. Concebeu os mais criminosos projectos, não os executando, e ameaçou-a de torná-la por elles responsável.

— Sim, sim! Bradava o sabio; hei de matar esse rival a quem me sacrificas!

Ela saíndoa a cabeça, em sinal de que não acreditava n'esse sanguinario designio, acrescentando em seguida:

— E de resto, quando mesmo assim fosse... pft! pft!
Transformado em animal feroz, o sabio manifestou-se mais brutal do que a propria amante. Uma noite emboscou-se, estrangulou o desgraçado, matou-o, arrancou-lhe o coração pelo peito e foi lançar aos pés da mulher esse horrivel trofeu ainda palpitante.

Certamente, d'esta vez, ella espantou-se um pouco; mas tendo um relampago de triumpho brilhado no olhar do assassino, não quiz reconhecer este triumpho. Obsinou-se contra o seu terror, contemplou tranqüilamente esse hediondo pedaço de carne vermelha, voltou-o com a ponteira de um guarda-sol e murmurou com um gracioso meado de escarneo:

— Pft! Pft!

— Oh, monstro!... Monstro! — exclamou o sabio; matar-te-ei também! Sim, matar-te-ei. Quero saber se tens coração, e o que elle encerra. Sabe-lo ei! Assim o quero...

Tinha a vista desviada e as mãos tremulas.

— O que ha no meu coração?... respondeu ella, sem se comover. Vou dizer-te o que n'ele ha... Oh! é bem simples: ha isto...

E soprando-lhe no nariz, atirou-lhe ainda o seu zombeteiro:

— Pft! Pft!

Então elle perdeu completamente a razão. Com os dedos crispados de ambas as mãos, agarron o pescoço da mulher, esse pescoço tão branco e delicado, que elle tanto adorava, e apertou-o sem piedade, durante muito tempo.

Ela nem sequer teve força para gritar; debaten-se apenas, como a ave que estrangulam. Mas, ao morrer, o seu ultimo suspiro exalou-se á maneira de uma suprema resposta, — porque o habito imperceptivel dizia ainda:

— Pft! Pft!

Finalmente, rugiu o sabio quando reconheceu que ella estava hem morta. Enfim, não tornará mais a dizer esse diabolico *pft! pft!* Não tornará a zombar nem do meu amor, nem da minha ciencia. E, como já te estudei viva, vou corajosamente estudar-te morta.

Poz-se a dessecá-la devêras, esperando aerificar n'adã, pois que em parte alguma encontrou n'ella a alma que elle negava.

E isto tornou-o alegre.

Para perpetuar essa alegria e guardar o testemunho sempre presente da sua victoria, o infamável sabio resolveu-se a sérias investigações. Oh, antes, sem d'isso dar tanto, o inconsciente amante concebeu a ideia fantástica de preparar o cadaver da misteriosa mulher, imprimindo-lhe a apparencia de viva.

Porque elle amava-a sempre!

E amou-a mais do que nunca, quando conseguin insultar esses abominaveis despojos. Na sua aberração atormentada, achou-a ainda bela, ajoelhou-se, cobriu-a de beijos e pediu-lhe perdão!

Que não pode fazer a lençual?

Perdido, alucinado, chegou a sentir novamente desejos por esse manequim de pele, cheio de vento. E, em plena raiva, arremegou-se sobre esse horror para o possuir.

Subitamente, enquanto seus amorosos brags cingiam freneticamente esse odre, e seus dentes o mordiam com beijos e anseios ferozes, fez-se uma ratura e por aqueles labios monstruosos saiu um longo assobio, agitando-lhe o rosto com esta ironia postuma:

— Pft! Pft!

Trad.

Francisco Misterio.

CRISE MINISTERIAL

Em virtude de não ser muito possível constituir um ministério de concentração, parece resolvido que será chamado a organisar novo ministério, o eminente democrata dr. Alfonso Costa.

Assim deve ser.

GAZETILHA

XX XX

Chegou a Faro, para tomar posse do logar de auditor administrativo, o sr. dr. Tavares da Silva.

Dos jornaes.

Já chegon? Vein ou não veia?

Acaso já tinnon posse?

— Não sabemos se a noticia,

E' já velha ou é precoce.

Mas viria ou não viria?

Já largou a Lisboa amada,

Ou tudo isto são balelas

A aumentar a trapalhada!?

Chegon ou tem que chegar?

Vein de inverno ou de verão?

Até já nos faz lembrar

El-rei D. Sebastião!

Já o temos? E' verdade

Que para o sul já partiu?

— E' provavel, mas em Faro

Até hoje... ninguém o viu.

Fio de Linho.

Carestia de peixe e saude publica

Toda a gente sabe quanto custa hoje em Faro este genero alimenticio; de que o povo, ou por costume ou por necessidade, não pode prescindir. E' preciso levar os bolsos bem recheiados, uma boa dose de paciencia e requintes de amabilidade, para se ter a dia de um peixinho ao almoço, que muitas vezes não se pode comer.

Pois se os srs. peixeiros, ou vendedores, em geral sem conhecimentos higienicos e ainda menos humanitarios e apenas guiados pelo instinto do *venha a nós*, podem hoje fazer tudo quanto quizerem!... Podem reter o peixe que não obtenha o preço que lhes convem, dentro dos proprios barcos que o conduzem, para depois o tornarem a trazer e assim passá-lo como fresco. Podem guardá-lo nos armazens anexos ao mercado, d'um dia para o outro, dias seguidos, só elles sabem quantos, até que o preço lhes convenha, ou para o irem trazendo pouco a pouco, á medida que escasseia em qualquer dia de fatura, afim de dar sempre ao povo aquella impressão de que ha pouco peixe, levando-o assim a comprá-lo pelo preço que elles muito bem entendam. Podem, por mero capricho, negar-se a vendê-lo a quem não lhes agrade, alienando-lhe o preço; podem negar logar a qualquer outro peixeiro que pretenda vender o seu peixe mais barato, e até podem ferrar uma forte decomposição n'aquelle que tenha a audacia de lhes oferecer um preço que não seja o d'elles, ou se atreva a dizer-lhes qualquer coisa que lhes não agrade, embora seja em nome da saude publica.

Ora, isto não pode ser. Um povo já numeroso e illustrado como Faro comporta, em grande parte formado de forasteiros, não pode estar á mercê dos caprichos dos srs. vendedores de peixe.

E' isto mesmo que se debate á pelas diferentes classes, no louvável fim de se pôr cõbro a este estado de coisas.

Alviam uns que a Camara é que deve estabelecer o preço do peixe conforme a sua quantidade e qualidade, afixando diariamente uma tabela com os respectivos preços. Isto, a nosso ver, não só não é viavel pelos incomodos e mesmo gastos que acarretaria ao Municipio, mas ainda por ir de encontro á liberdade de preço, ou de commercio, que é uma liberdade tão respeitavel como qualquer outra.

Opinam outros que esse preço poderia ser fixado diariamente pelos proprios vendedores á abertura do mercado, contando que não o podessem aliar, podendo contudo baixá-lo durante o dia. Ainda aqui não ficariamos melhor, porque neste caso os vendedores fixariam o preço maximo pela manhã, que é a hora da maior concorrência, baixando-o depois conforme a necessidade. Ainda outros acrescentam que o peixe devia em geral ser vendido a peso, como succede em muitas localidades, pois só assim haveria equaldade de peso e medida. Não é má a ideia, tanto mais que o vendedor, afim de atrair o freguez e assim obter o melhor preço, encobriria muitas vezes o chicharrinho pió, por exemplo, com meia dúzia de chicharro gralo, de modo que o freguez pensa levar um cento d'este, e como tal o pagou, mas leva só meio cento d'este preço.

Mas isto iria prejudicar aqueles pescadores que costumam, elles proprios, vir vender a sua parte e que assim não o poderiam fazer por lhes ser impossivel virem do mar de balança e pesos ás costas.

Outros, finalmente, dizem que nada d'isto era preciso, pois que temos leis suficientes para copter os vendedores ou pescadores nos seus justos limites. Está apenas da parte da autoridade sanitaria exercer a devida fiscalização, estabelecendo um prazo de 24 horas para a venda de qualquer remessa ou maré, ainda que com algumas excepções para o peixe que mais aumenasse sem se deteriorar, como, por exemplo, o atum, dando-lhe o dobro do prazo.

Perfeitamente d'accordo. Dois policias ainda que por conta da Camara, mas revezados todos os dias, para notarem a hora de entrada de cada maré ou remessa; ordemi de despejo para a *carroça*, para o que não fosse vendido no prazo legal; toda a atenção com o peixe que sai para os armazens, não consentindo mais a sua entrada no mercado logo que tivesse expirado o prazo da sua venda, e veriamos como já não se comia peixe avariado nem eramos explorados pelos srs. peixeiros.

Ai fica o assunto bem exposto a quem o deve estudar e resolver, de modo que ninguém fique mal, e caso não seja tratado com a devida atenção nós voltaremos á estacada.

Miguel Penha.

Carta aberta

Ex.^{mo} Sr. Director das Obras Publicas:

O facto de não conhecer pessoalmente a V. Ex.^a não obsta a que eu impetire a sua benevolenta atenção para um assumto de interesse publico, que directamente está sob a alçada de V. Ex.^a. Refiro-me á construção d'já celebre colêtor da Rua da Liberdade em Tavira, colêtor cuja historia se perde na noite dos tempos, desafiando atavez ilas idades o humo d'aqueles que por dever de officio lhe tem dedicado o melhor da sua atenção. Seja porém como for, bem que mal, a obra começou. Mas visto que muitas dificuldades houve para se conseguir esta miseria, bom seria que lhe tirassem todo o partido para ao menos ficar uma obra raznavel. Já não falo relativamente á construção, pois não é com pouco dinheiro que se obtém a melhor, mas opere-se em condições de satisfazer plenamente as mais instantes necessidades de Tavira. Conforme a construção está sendo feita, de modo algum satisfaz. Se não vejamos. A que se destina o colêtor? A resolver, segundo o que se vê, o problema das chuvas da montante da cidade. Será isso sufficiente para as exigencias dos seus habitantes? Não é, pela indavidei precisão do esgoto. O esgoto da cidade está quasi toda por fazer. Um dos ramos principais é o correspondente ao colêtor em construção. Feito este pelas obras publicas, ou pela Camara, deveria resolver o papel principal, o do esgoto. O regimen da carroça, das nove para as 10 horas, quando o movimento é maior na cidade, já não é proprio duma população que prima pela hygiene e que se vê forçada ao regimen do consumo da agua por justa medida. Construída a rua de acesso á estação e porque Tavira tem sido uma emilla dos cafes publicos, natural era que o Estado oitasse para ella, ainda que em seu proprio interesse. Do mau olhado saiu um colêtor, que vai sendo feito em pequenas doses, e que simplesmente quer dizer que, feito uma vez, seria muito melhor e de menos despesas. Mas adiante. Resolvida a construção, era natural que ella satisfizesse plenamente. Não é assim. O colêtor só servirá para favorecer o regimen das chuvas. Isto não pode ser, sr. Director das Obras Publicas, e porque não pode ser, aqui estimo a chamar a sua benevolenta atenção.

Queremos crer que o Estado, não possa logicamente fazer as despesas do esgoto, que são aos municipios pertence, mas, sendo elle forçado, por um ato de economia, a construir um colêtor, nenhuma razão ha para afastar do seu beneficio a população vizinha. E tanto mais, quanto é certo não sabermos como obviar ao inconveniente, caso a Camara se abalance a construir na mesma rua, dentro em breve, um colêtor para o esgoto. A estrada é do Estado, no entanto não deixa tambem de ser uma das ruas principais da cidade, na qual o municipio tem direito a estabelecer o esgoto. Mas construir um colêtor ao lado do atual seria o maior dos contrasensos, por certo nunca visto. Sendo assim e porque o regimen da carroça e das latas a porta tem de acabar para honra e lustre d'uma população que se presin de civilizada, bom era que tudo se dispusesse para que o colêtor, mais ou menos brevemente, possesse

acellar o esgoto. Para isso e longe de se fazer do colétor um bloco impenetrável, podiam-se ir deixando ao longo d'ele as aberturas em pontos fracos, já preparados para a ligação com o esgoto dos predios vizinhos. Seria isso facil e pouco dispendioso, e não obrigaria a arrombar amanhã ou passado o colétor em construção, logo que se reconheça a necessidade de o aplicar simultaneamente ás chivas e ao esgoto. Supomos ter ouvido que uma das razões peregrinas por que o colétor não serve ao esgoto, é por este não ser lançado junto da ponte. Isto não colhe, e muito menos se atendermos a que nós simplesmente pedimos que se deixe tudo preparado para que um dia os pedreiros não comecem a destruir aquilo que tanto dinheiro custa e que tantos esforços demandou para se alcançar. Do critério e instrução de V. Ex.^a esperamos confiadamente a satisfação plena do nosso modo de ver, que é bem modesto e de utilidade futura.

Tavira, 6 de Junho de 1912.

De V. Ex.^a Al.^o Vn. e Obg.

António Francisco de Sousa
Sub-delegado de saúde

MUNDO EM FÓRA

Continua a greve dos eléctricos em Lisboa.

Os operarios ferroviarios resolveram solidarizar-se com os grevistas.

A Junta Sindical foi incumbida de informar as suas congêneres no estrangeiro, das razões que motivaram a greve e da attitude da companhia, que não quiz atender as justas reclamações que lhe fizeram.

A Alemanha e a Austria vão protestar contra a occupação das ilhas do Mar Egeu pelos italianos.

Estão terminadas as negociações relativas ao tratado franco-hespanhol acerca de Marrocos.

Recomeçaram em Bruxelas as manifestações socialistas, tendo-se dado varios conflitos entre a policia e os operarios e havendo muitos feridos e inumeras prisões.

Foi declarada a greve geral em Almeria; numerosos grupos de grevistas tentaram destruir a linha ferrea, o que foi impedido pela força publica.

O governador da provincia tem sido alvo de manifestações hostis.

O concelho municipal apresentou a sua demissão coletiva.

Em consequencia dos tumultos na camara dos deputados de Budapest, a força armada expulsou da sala das sessões 36 oposicionistas.

Continua a excitação dos mineiros belgas. Em Liege os manifestantes apedrejaram o paço do bispo e duas igrejas e dispararam tiros sobre a policia, que fez muitas prisões.

Vae erigir-se em Vila do Conde um mausoleo á vitima do naufragio do S. Rafael, o infeliz creado da camara, Antonio Maria Dias.

O governo hespanhol afirmou na camara dos deputados que a maior parte dos conspiradores portugueses já foram internados.

Foi proclamado o estado de sitio em Vervier, Belgica, em virtude dos tumultos eleitoraes.

Ficaram gravemente feridos 30 manifestantes, que foram batidos pela policia.

Os alunos da Escola de Belas Artes do Porto apuparam o professor Marques da Silva.

A policia e um piquete de cavalaria tiveram de empregar a força para dispersar os manifestantes.

Em Constantinopla, um violento incendio, que durou 12 horas, destruiu 2.300 casas, 6 mesquitas, e 5 escolas.

Durante a extinção morreram dois policas e ficaram feridas 20 pessoas.

Os prejuizos são calculados em 900 contos de reis. O bairro de Kábatatka ficou completamente destruido.

POR ESSE ALGARVE

Caldas de Monchique

Continuam animadissimas estas terras e são esperadas muitas familias que já aqui escolheram residencia. Retiraram para suas casas em Beringel o sr. Feliciano Mira Fialho e seus gentis filhinhos Maria Ana e Felicio, e a sr.^a D. Joana Mira Galvão e seu irmão, o sr. Luiz Antonio Mira Galvão.

Tambem retiraram para Ferreira do Alentejo o sr. José Augusto Mira Fialho, sua filha D. Maria Luiza Mira e sua cunhada, D. Mariana Julia Camacho Montes.

Chegarão a esta pitoresca estância o sr. Manoel Francisco Guerreiro e o sr. Guerreiro Fogaca e familia.

Monchique

Consoviaram-se no dia 3, ás 17 horas, José Urbano, sapateiro, e Leorença Varela, ambos d'esta vila. Depois de lavrado o respetivo registro, não quizeram dispensar as bênçãos do padre um que aliás estavam no seu plenissimo direito e dirigiram-se para a igreja acompanhados por todos os seus convitados e amigos, exceto o nosso prezado correlligionario Antonio Gonçalves Maio que muito cordadamente declinou não entrar na igreja por assim se oporem os seus principios de livre pensador.

Foi tanto bastou para que as *lascinhas* sr.^{as} Carmas que moram em frente da igreja, mimoseassem aquele nosso amigo com ditos assim:

— Tem medo de entrar na igreja? Receia que tenha espinhos? Algum dia os espinhos lhe picarão com certeza!

A esta cena, que não comentamos, assistiam Alexandre Afonso, João dos Santos e Manuel Albino, que de certo por ignorancia do que seja a liberdade de conciencia repetiram as mesmas frases, no manifesto intuito de achincalharem a nobre attitude do nosso correlligionario e amigo sr. Maio. Vae sem comentarios!

O que está succedendo em politica demonstra que o franquismo ainda dá cartas, e quanto a religião, parece que ainda estamos no tempo em que toda a gente era obrigada a ir á igreja. E' caso para dizer-se:

— Srs. reacinarinos, deem-nos um pouco mais de liberdade... Era favor...

DIA HISTORICO

8 de Junho

632—Morte de Mafoma.
1662—Morre Henrique Dias, um dos mais destemidos defensores de Pernambuco contra os holandezes.
1663—Vitoria do Ameixial.
1668—Anulação do casamento de D. Afonso VI.
1795—Morte de Luiz XVII, com 10 anos de idade.
1805—Eugenio de Beauharnais é nomeado rei de Italia.

9 de Junho

68—Morte de Nero.
1517—Morre em Camarais, Duarte Galvão, cronista mór do reino e embaixador de D. Manuel ao imperador da Abissinia.
1608—Começa a regencia de D. Pedro II.
1798—Napoleão toma a ilha de Malta.
1811—Batisade do filho de Napoleão.

10 de Junho

1719—Terrivel explosão vulcanica na ilha do Pico.
1802—Tousaint Louverture é transferido para França.
1804—Explosão de uma maquina infernal contra Napoleão.
1810—Napoleão é excomungado pelo papa.
1828—Defeza de Penafiel contra os realistas.

11 de Junho

1242—Tomada de Tavira aos mouros do Algarve.
1790—A Assembleia Nacional de França decreta tres dias de luto pela morte de Franklin.
1849—Ledru Rollin acusa na Assembleia o presidente da Republica Franceza.

NOTICIARIO

Deram-nos o prazer da sua apreciavel visita n'esta redação os nossos presados amigos srs. Albino do Carmo Pires, representante da Companhia Vinicola Portugueza, do Porto, e Porfirio Lopes, conceituado farmaceutico em Loulé.

Tambem nos deram a honra da sua visita os intemeratos republicanos srs. Francisco Alberto de Brito, recentemente nomeado administrador do concelho de Lagoa, e o nosso presado amigo Pedro Rodrigues Mendonça da Costa, da mesma vila.

Já tomou posse do lugar de auditor administrativo, interino, o sr. dr. Tavares da Silva.

Partiu para Lisboa o nosso presado amigo sr. Pedro Monteiro de Barros.

Vimos nesta cidade o capitão de infantaria 4.^a sr. Jose Estevão Aguas, de Tavira.

Chegou de Lisboa o importante capitalista sr. Manuel de Jesus Belmarço.

Partiu para Lisboa o sr. Francisco de Sousa Magalhães.

Sob a presidencia do sr. dr. Alvaro Judice, nosso presado colega de *O Sul*, reuniu hontem á noite, na redação d'aquelle jornal, uma das comissões incumbidas de angariar donativos para as festas da cidade.

Estiveram n'esta cidade os nossos amigos srs. Anibal Guerreiro Luna e José Ribeiro Alves Junior, de Olhão.

Regressou de Lisboa o nosso estimavel amigo sr. Manuel Martins Caiado.

CARREIRA DE TIRO DE FARO

3.^o Batalhão do 4

Atiradores civis que obtiveram melhor classificação nas sessões de tiro efetuadas no dia 2 de junho de 1912:

A 100 metros—Empatado pelos srs. Francisco Solesio Padinha e José Antonio Pereira, ambos com 36 pontos, sendo o primeiro na posição de pé e o segundo na de joelhos.

A 200 metros—De joelhos, o sr. Joaquim Alexandre Xabregas Junior, com 30 pontos.

A 300 metros—Deitado, o sr. Jordão Gregorio Cansado Conde, com 27 pontos.

A 400 metros—Deitado, o sr. José Joaquim, com 20 pontos.

Carreira de Tiro em Faro, 2 de junho de 1912.

O Director,

Francisco José Barros.
Tenente d'infantaria 4

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar grande quantidade de original, já composto, que publicaremos no proximo numero.

Pedimos desculpa aos nossos assinantes e colaboradores.

CARTEIRA

Fazem anos:

Hoje, 8—D. Luciana Vieira Mendes, D. Alice Moreno Guerreiro, D. Maria Manuela Rocha, D. Ana Judice da Costa Carneiro, D. Emilia do Nascimento Alves, Dr. João Franco Pereira de Matos, Sebastião Estacio Telo, Pedro de Brito Moreira, Manuel Ribeiro Ramos e José Herculanio Frazão e o menino Antonio Carreira da Conceição Silva.

Domingo, 9—D. Maria Margarida Anselmo, D. Juliana Jaime Paulino, D. Maria da Trindade Marques, D. Maria Leiria, João Batista Pimenta, Alfredo Fernandes Martins, Luiz Aureliano Faria e o menino João Bento Moreira.

Segunda, 10—D. Carolina da Paula Brito, D. Isabel Domingos Cirilo, D. Sabina Gualberto do Carmo, D. Maria João Apolinario, Dr. Frederico Chagas, Manuel Simões da Costa, Antonio Xavier de Figueiredo, Caelano Antonio Santana e Rui da Silva Teixeira.

Terça, 11—D. Maria Fernanda Moraes, D. Laurinda Vieira Sergio, D. Clotilde Mendes Forte, D. Antonia Rocha do Jesus, D. Augusta da Silva Pereira, Silveira Raimundo Chaves de Aguiar e Jorge de Bastos Cunha.

Doentes:

Encontra-se melhor da sua enfermidade o sr. José de Sousa Maria, nosso estimado assinante de Olhão.

—Acentuam-se felicemente as melhoras da sr.^a

D. Maria das Dores Sanches Barrot, esposa do sr. Jaime Barrot.

—Tambem experimenta melhoras a sr.^a D. Luiza Cordeiro.

—Está doente o nosso presado amigo sr. Justino Augusto Ferreira.

Nascimentos:

Com feliz resultado, deu á luz uma interessante criança do sexo masculino a esposa do sr. Henrique Illogos, habilitado cirurgião dentista n'esta cidade.

Necrologia:

Faleceu em Tavira, atacado de variola, o filhinho mais novo do nosso presado amigo sr. José Silveiro Almadovar, digno 1.^o aspirante de finanças em Olhão.

Theatro:

Realiza-se ao proximo dia 15 a recita promovida pela Liga Nacional de Instrução, nucleo do Faro, que promete revestir extraordinario brilho.

VERSOS

Falta-lhe ao sol o fulgor,
A' lua o duce palor;
Para mim, na tua ausencia,
Não tem a rosa perfume,
Estrelas perdem o lume,
As aguas a transparência.

Os dias longos, tristonhos,
São como espectros melancolicos
Que ferem os corações!
E eu vim exgotando as fezes
D'este caliz de revezes
E amargas desilusões.

As noites decorrem lentas
Com estrigas agorrentas
A predizer amarguras.
Oh! não voltarão jamais
Esses tempas ideais,
Essas sonhadas venturas!

Ao fulgor d'nos olhos belos,
En architectei castelos
Que o tempo já derruiu;
Souhei n'elles residir
Num doce e roseo porvir...
E hoje tudo se esvaiu!

Num manso lago—o Destino—
Em batel esmeraldino,
Cor da esprança—linda cor!—
Souhei navegar contigo,
Tendo a illusão por abrigo,
Por fanal o teu Amor!

Souhei fruir alegrias,
Quimeras e fantasias
Que concebe o coração,
Nas virginaes primaveras,
Quando se ama deveras,
Quando a vida é illusão!

Mas que resta d'esses sonhos
Tão fugazes e risonhos
Que a miuh'alma acalentou?
Desse ideal de delicias,
Da sorrisos e caricias,
Só a saudade ficou!

Tu partiste para longe,
E o meu coração, qual monge
Cingindo um negro burel,
Vivendo em cela esquecida,
Odeia este mundo e a vida,
Desde a partida cruel.

Nem uma esprança me anima
Nesta amargura molina
Em que vivo a meditar.
Não creio que tarde ou perlo,
Ao meu sombrio deserto,
Possas ainda voltar!

Setembro de 1911.

Laurinda Serytram.

FILOSOFIA PRATICA

PENSAMENTOS

A presunção e o orgulho não teem limites conhecidos.

Ubaldoine

A espada é a liugua dos despotas.

A. de Viguy

O melhor dos homens é o que faz brotar uma flor ou o que planta uma arvore nova.

Niter

O sono é a imagem da morte; a esperança é a imagem da vida.

Xisto

Todos nascemos originaes e morremos cópias.

Joung

Pretender honra sem merito é vivissima diligencia para a des-honra.

Zalenco

CASA NOBRE

Vende-se uma na rua Rasquinho com os n.^{os} de policia 23, 25, 27 e 29, constando de altos e baixos, palheiro, cavalariça, cocheira, com saída para a rua do Albergue, e o amigo jardim onde se encontra a memoria do benemerito dr. Constantino Cumano.

Para esclarecimentos dirigir a Miguel Bomba, largo da Madalena, n.^o 10.



60.000\$000

Grande palpito!

N.^{os} 1880, 2296 e 2 27

Cautelas de 550, 330, 220, 110 e 60 réis

Vende-se para todas as loterias na

LIVRARIA DAS NOVIDADES
FARO



É TÃO FACIL CONSERVAR-SE DE SAUDE!

Se conseguirdes o remédio proprio para o caso, e o applicardes promptamente, evitares que a molestia se torne mais séria do que o necessario. Tomando immediatamente o caminho para a cura, claro está que vos poupares muito soffrimento e incommodo, alem de despesa inevitavel ao tratamento. Tomae, por exemplo, a rachitica. Tratada devidamente no seu principio, pôdeis sustenta-la e cural-a, quando, com um tratamento errado, vae de mal para peor. Eis aqui um caso que o comprova: Minha filha Maria Nazareth, de 8 annos de idade, soffria de uma

Affecção de rachitismo

que deveras me impressionava. Aconselhado por um parente que já tinha feito uso da

Emulsão de SCOTT,

em soffrimento analogo, a dalo a minha filha, immediatamente o fiz, e em breves dias vi que o resultado era magnifico, vendo minha filha com mais forças e dia a dia se desenvolvendo até ficar

completamente curada.

(a) Manoel Ferreira Dias, Villa do Conde, 4 de Agosto de 1910, Largo do Carmo, Nos. 1 e 2.

A cura propria, em todos os casos de rachitismo, a mais rapida e a melhor, está na Emulsão de Scott. Se qualquer pessoa da vossa familia é rachitica, procure a Emulsão de Scott, que é sempre o que o vosso medico aconselha quando é consultado. Se fizerdes uso da Emulsão de Scott, resultará d'ahi a cura da vossa rachitica; mais tem de ser a Emulsão de Scott, visto que não ha outro preparado que tenha um archivo de curas comparavel com o que a Emulsão de Scott tem registado em todos os países civilizados. Se padeceis de rachitismo, procure a Emulsão de Scott. Esta Emulsão cura o rachitismo sendo tomada promptamente, em qualquer epocha da vida. Cura-o nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apesar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtêm-se nos Srs. James Cassels & Cia, Succs. Rua de Monsinho da Silveira, 83, 1.^a Porto. Exigir sempre a Emulsão com a marca—o homem do peixe—que significa o processo SCOTT.



